

Artigo Original

VULNERABILIDADE DO TRABALHADOR NA AGROINDÚSTRIA
VULNERABILITY OF WORKERS IN AGROINDUSTRY

Thaís Carla Sfredo¹, Alexandre Inácio Ramos¹, Vander Monteiro da Conceição¹, Milena Schneiders¹, Paulo Roberto Barbato¹, Adriana Remião Luzardo¹

1. Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó - SC, Brasil.

Resumo

Objetivo: analisar as situações de vulnerabilidade do trabalhador da agroindústria em Chapecó/SC. **Métodos:** tratou-se de um estudo de abordagem qualitativa, de caráter descritivo. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas com trabalhadores da linha de produção. A análise de dados deu-se por meio da análise temática. Foram entrevistados 13 trabalhadores. A partir dos conceitos vulnerabilidade individual, vulnerabilidade institucional e vulnerabilidade social surgiram os temas que agregam os conteúdos deste trabalho. **Resultados:** pode-se perceber que por desconhecer ou não identificar determinadas situações de risco, o trabalhador tem ações desprotegidas, que podem conduzir a acidentes de trabalho ou também a doenças ocupacionais. **Conclusões:** o estudo contribuiu para entender a situação de vulnerabilidade deste grupo específico de trabalhadores e assim colaborar com o ensino, pesquisa e extensão.

Palavras-chave: saúde do trabalhador; vulnerabilidade em saúde; condições de trabalho.

Abstract

Objective: to analyze the situations of vulnerability of the agroindustry worker in Chapecó / SC. **Methods** this was a qualitative, descriptive study. The data were collected through semi-structured interviews with workers from the production line. Data analysis was done through the thematic analysis. We interviewed 13 workers. From the concepts of individual vulnerability, institutional vulnerability and social vulnerability, the themes that aggregate the contents of this work emerged. **Results:** it can be noticed that because it does not know or not to identify certain risk situations, the worker has unprotected actions, that can lead to accidents at work or also to occupational diseases. **Conclusions:** the study helped to understand the vulnerability of this specific group of workers and thus collaborate with teaching, research and extension.

Keywords: worker's health; vulnerability in health; working conditions.

Responsável pela Correspondência: Vander Monteiro da Conceição, vander.conceicao@uffs.edu.br

Enviado:	Abril de 2019
Revisado:	Maio de 2019
Aceito:	Junho de 2019

Introdução

Desde os primórdios da humanidade, o trabalho destinava-se à produção da vida na relação do ser humano com a natureza. As sociedades tradicionais mantiveram, por muito tempo, uma relação harmônica no trabalho. Com o passar do tempo, especialmente na transição para a era moderna, a relação do homem com a natureza foi mudando, o que passou a influenciar o conceito de trabalho e o modo como este era produzido.¹

Entende-se que o conceito de trabalho sofreu influências ao longo do tempo, sendo influenciado pelo momento histórico e sociopolítico, incidindo diretamente sobre a forma como as pessoas exercem seu trabalho, o que reflete em suas vidas. Um exemplo de trabalho que interfere em diversos aspectos da vida e saúde dos empregados é o da indústria da carne.

Nestas indústrias podem ser encontrados vários fatores de riscos à saúde do trabalhador como, por exemplo, ruído, iluminação, temperatura, umidade, pureza e velocidade do ar, radiação, esforço físico, tipo de

vestimenta, entre outros.² Além disso, deve-se destacar o manuseio de objetos e de equipamentos utilizados na execução do trabalho, que também podem causar acidentes.³

Estatísticas oficiais do Brasil² mostram que o trabalhador de um frigorífico está mais exposto a determinados problemas de saúde do que a média dos empregados em todos os outros setores econômicos brasileiros. Os trabalhadores do setor de abate de bovinos sofrem três vezes mais traumatismos de abdômen, ombro e braço e 2,24 vezes mais problemas de coluna; já os trabalhadores dos abatedouros de aves e suínos sofrem 4,26 vezes mais inflamações em músculos e tendões, 7,43 vezes mais lesões no punho e 3,41 vezes mais transtorno de humor do que a média de todos os outros trabalhadores brasileiros.²

Os agravos à saúde do trabalhador no Brasil apresentam relevância ao desafiar os programas e ações em saúde e a atuação do poder público a partir disso. As situações de acidentes e doenças do trabalho exigem

ações amplas e coordenadas, de modo a reduzir os danos aos trabalhadores, ao orçamento da Seguridade Social e à economia do país.⁴

A vulnerabilidade do trabalhador envolve os acidentes e doenças do trabalho, bem como aspectos de sua condição social e individuais de saúde-doença. O conceito de vulnerabilidade⁵ é abrangente e pode ser representado por três dimensões. A dimensão biológica/individual traduz os comportamentos pessoais de autocuidado; diante da suscetibilidade maior ou menor para o adoecimento. A dimensão social identifica-se com as situações sociais vividas que interferem nas condições de saúde; tais como as condições de educação, moradia e trabalho. A dimensão institucional/programática representa o compromisso que as instituições têm, em maior ou menor grau, e que afetam a saúde das pessoas.⁵

A vulnerabilidade é um conceito bastante utilizado no meio científico, e sobretudo no âmbito da saúde coletiva. Ao considerar a vulnerabilidade do trabalhador, chama-se atenção para ações individuais e coletivas que visam proteger o indivíduo da ocorrência de situações indesejáveis relacionadas a uma prática laboral.⁵

Ao iniciar esta investigação, a escolha do tema deu-se devido à afinidade dos pesquisadores com a área da saúde do trabalhador, sensibilizados com a vulnerabilidade do trabalhador especialmente da agroindústria. Durante as atividades teórico-práticas (ATP's) em serviços de saúde em Chapecó, os estudantes observaram a grande ocorrência de acidentes de trabalho e de doenças que comprometiam a saúde de trabalhadores. Tais eventos geravam inquietação, o que provocou interesse por entender como esse fenômeno se dava na vida das pessoas, a partir de questões individuais, sociodemográficas e institucionais.

Para aproximação com a temática, os estudantes realizaram buscas em bases de dados visando identificar a produção da literatura científica sobre o trabalhador na agroindústria, e como resultado se obteve estudos com foco na notificação de acidentes e doenças relacionadas ao trabalho, ou discussões a respeito da dinâmica do mercado de trabalho nesta área. No entanto, não havia publicações que ressaltavam a subjetividade dos trabalhadores, demonstrando conhecimento sobre o seu processo de trabalho, e consequentemente desvelando suas vulnerabilidades neste contexto. Logo, o presente estudo vem suprir tal lacuna de conhecimento, alinhando-se ao vislumbrando também pelos estudantes ao realizarem ATP's nos espaços de saúde do município de Chapecó.

Frente ao exposto, pergunta-se: como se dão as situações de vulnerabilidade do trabalhador da

agroindústria no município de Chapecó/SC? Para responder à essa questão de pesquisa, formulou-se o objetivo de: analisar as situações de vulnerabilidade do trabalhador da agroindústria no município de Chapecó/SC.

Métodos

Tratou-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, que utilizou entrevista semiestruturada.

O estudo foi conduzido em Chapecó, cidade que possui uma população de aproximadamente 180 mil habitantes.⁶ Segundo o IBGE, na estimativa populacional para o ano de 2016, o município já conta com cerca de 209.553 mil habitantes. Uma característica marcante dessa região é o estabelecimento e avanço da agroindústria, em especial dos frigoríficos. Além do progresso econômico e social que essa atividade pode trazer para a região, percebe-se que a esta provoca importantes efeitos na saúde e na vida das pessoas que trabalham nessa área, especialmente ao se observar o aumento de doenças e acidentes de trabalho. Com isso, observa-se que a região conta com vários sindicatos de trabalhadores da agroindústria, devido a necessidade de assegurar os direitos dos mesmos, a exemplo do Sindicato dos Trabalhadores em Indústrias de Carnes e Derivados de Chapecó (SITRACARNES).

O SITRACARNES foi criado em dezembro de 1988 para defender os direitos de 1.300 sócios, trabalhadores de diversas indústrias de carnes e derivados de Chapecó e da região oeste. Assim, elegeu-se esse sindicato pela sua atuação junto aos trabalhadores, seja no apoio jurídico, seja na interlocução com as instituições de ensino, disponibilizando inclusive espaço físico para atividades educativas. É um dos sindicatos da região que mais incentivam a participação social e a organização popular, auxiliam na promoção de eventos populares e científicos.

Optou-se, inicialmente, pelo método probabilístico de seleção dos participantes, por sorteio entre os registros de associados. No entanto, após várias tentativas de contatos telefônicos sem sucesso, decidiu-se mudar a forma de seleção. Assim, a amostra passou a ser intencional, por método de conveniência.⁷

Os trabalhadores foram convidados a fazer parte da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual expôs o objetivo da investigação, bem como seus riscos e benefícios. O TCLE foi assinado em duas vias de igual teor, uma ficando em posse do participante e a outra de posse da pesquisadora. Para a confidencialidade dos dados coletados e a fim de assegurar o anonimato dos entrevistados, a identificação dos participantes foi substituída pelo código T, seguida da

numeração conforme o número de trabalhadores, sendo que a descrição numérica representa a ordem em que as entrevistas ocorreram. As entrevistas tiveram a duração de aproximadamente 1 hora e foram gravadas com o intuito de que não houvesse perda de informações. As entrevistas foram realizadas no espaço físico do sindicato. Após as entrevistas, o conteúdo relatado foi transcrito em arquivo digital pela própria pesquisadora.

A análise de dados deu-se por Análise Temática⁸, esta que se desdobra nas etapas pré-análise, exploração do material ou codificação e tratamento dos resultados obtidos/ interpretação.

O projeto passou por análise e aprovação conforme trâmites da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), e do Curso de Enfermagem, e após ser devidamente registrado na Plataforma Brasil foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/ UFFS), sob o número de protocolo: 1.667.899.

Resultados

Entrevistou-se 13 trabalhadores da indústria de carne e derivados de Chapecó/SC, que apresentavam de 01 a 30 anos de tempo de serviço, sendo quatro do sexo masculino e nove do sexo feminino, com idades entre 23 e 62 anos. Cinco participantes concluíram o ensino médio, cinco apresentavam apenas o ensino fundamental completo e três não completaram o ensino fundamental. Apenas dois participantes não possuíam filhos.

Foram propostas pré-categorias a partir das dimensões de vulnerabilidade,⁵ a saber: Vulnerabilidade individual; Vulnerabilidade social e Vulnerabilidade institucional. Ao realizar-se a análise temática, as pré-categorias configuraram-se como categorias temáticas de fato e a partir delas surgiram os temas.

Assim, a dimensão Vulnerabilidade Individual constituiu-se em categoria temática, a qual agregou conteúdo das falas em torno de dois temas: "O descuido leva ao acidente" e "O conhecimento das leis trabalhistas".

Na primeira categoria temática, do conteúdo das falas surgiu o tema "O descuido leva ao acidente", expressando o descuido e a falta de atenção atribuíveis ao próprio trabalhador, conforme demonstram as falas de T₁, T₇ e T₈. Por outro lado, o descuido também surgiu como expressão de análise crítica quanto às condições de trabalho, de acordo com os relatos de T₄, T₁₂ e T₁₃:

"Descuido. Pois orientação todos têm, toda hora estão falando sobre isso." (T₁)

"Estar descuidada. Tem que ter bastante cuidado ali dentro." (T₇)

"Falta de atenção e de entendimento dos riscos. Falta de atenção dos colegas, da gente também..." (T₈)

"Descuido. As máquinas também não ajudavam, era muita máquina ruim. [...] As condições de trabalho ruim, sempre era comunicado a supervisão sobre a condição ruim das máquinas, máquinas com problemas ou com uma manutenção ruim." (T₄)

"Todos os setores têm coisas que podem levar a acontecer, mas acredito que o descuido do funcionário é um risco." (T₁₂)

"Acredito que o descuido. A aflição para pegar o ritmo do trabalho também..." (T₁₃)

No segundo tema "O conhecimento das leis trabalhistas", o relato dos participantes demonstrou um conhecimento limitado acerca das leis trabalhistas, a exemplo dos relatos de T₃, T₆, T₁₀ e T₁₁. Observa-se que o trabalhador passa a dar maior atenção às leis pela necessidade, após ter vivido uma experiência de acidente em seu ambiente de trabalho.

"Eu conheço, não sei na ponta da língua assim, mas já ouvi muito falar. Sei que existem" (T₁)

"Todas não, mas sei que existem. [...] No setor do frigorífico não sei de nenhuma, nunca me interessei em saber." (T₂)

"Sei algumas. Sei que existem muitas leis que protegem o trabalhador. [...] Abrir a CAT é um direito meu." (T₃)

"Sim, pois o sindicato ia na frente da empresa com papéis que falavam sobre isso. [...] Pra saber quais eram nossos direitos, os médicos que tinham caso a gente precisasse." (T₆)

"Conheço pouco, não saberia te falar uma assim agora. [...] o sindicato me ajudou muito, me ajudou a abrir CAT, ajudou com as consultas." (T₁₀)

"Nunca soube muito sobre isso. Quando precisei de algo relacionado a isso recorri ao sindicato, lá na empresa nunca falaram meus direitos. [...] quem me orientou a abrir CAT foi o médico que me consultou e o sindicato." (T₁₁)

A dimensão Vulnerabilidade Institucional como categoria reuniu quatro temas: "Os treinamentos sobre prevenção de acidentes", "A utilização de Equipamento de Proteção Individual – EPI", "As consequências do serviço repetitivo para a saúde" e "A realidade das pausas de trabalho".

A temática "Os treinamentos sobre prevenção de acidentes" agregou os relatos de trabalhadores que tiveram treinamentos na empresa em relação à prevenção de acidentes, por pelo menos uma vez, embora alguns relatos demonstrassem que alguns nunca tiveram orientações. Dessa forma, as falas a seguir evidenciam contradições em relação à existência de um programa ou treinamento permanente para prevenção de acidentes, dando a impressão de que ações de prevenção são realizadas eventualmente:

"Já tive vários. Quando entrei na empresa, durante o período que trabalhei ao longo dos anos. [...] cada pouco tem." (T1)

"Sim, é realizado uma vez por mês, pegam um tema naquele dia e discutem sobre." (T2)

"Sim, debatem bastante sobre isso, sempre temos reunião com o supervisor sobre segurança e outras coisas. [...] Sempre estão debatendo." (T3)

"Várias vezes. A empresa sempre nos treinou sobre isso." (T4)

"Sim, várias vezes. Tínhamos reuniões semanais sobre acidentes e risco." (T5)

"Não, nenhum treinamento." (T8)

"Não, nunca." (T9)

"Para falar bem a verdade, nunca foi falado sobre isso." (T10)

"Não, nunca recebi." (T11)

"Sim, mas não é seguido. A cada 15 dias por aí. Geralmente eles dão treinamento depois que acontece um acidente." (T13)

Na temática expressada por "A utilização de EPI", os entrevistados afirmaram ter recebido e fazer uso de algum tipo de EPI. Caracterizaram o uso como "obrigatório", e também de que não se pode "trabalhar sem o equipamento". Além disso, percebe-se que as empresas em questão disponibilizavam os equipamentos para uso do trabalhador, sendo isso um método de prevenção de acidentes.

"A gente precisa usar bastante EPI, é obrigatório." (T1)

"Uso toca e luva, nada mais." (T2)

"Não trabalhamos sem equipamento, EPI. Cada setor usa os EPI específicos para cada função." (T3)

"Eu usava sim, mas em algumas situações alguns EPI mais atrapalham do que ajudam. [...] Mas sempre nos disponibilizavam proteção." (T5)

"Eu utilizo o abafador auricular, por causa do barulho, muito ruído." (T6)

Na temática "As consequências do serviço repetitivo para a saúde", percebe-se pela fala dos trabalhadores, que 100% deles já apresentam e reconhecem ter algum tipo de adoecimento provindo do trabalho.

"Antes de trabalhar lá eu não tinha dor nos braços, foi causada pela repetição" (T1)

"Já fiquei afastada por problema na coluna, meu trabalho é repetitivo, eu abaixo e levanto diversas vezes. [...] Os braços também, colar etiqueta faz com que tenha bastante dor nos braços." (T2)

"Minha saúde pra mim tá boa, agora eu estou com um problema no braço, devido ao trabalho também... serviço repetitivo, sempre aquela função, aquela mesma coisa. [...] Estou com problema de visão, acho que é pelas luzes muito fortes. [...] Problema no ouvido, de audição. A

gente usa aqueles abafadores, mas não protege tua audição" (T3)

"Você sempre está dependendo de médico, a saúde não é boa. Sempre tomando remédio, é complicado né. Antes de trabalhar ali não tinha nenhum problema." (T4)

"Antes era normal, não tinha nenhum problema. Depois que comecei a lidar com faca, direto com a mesma coisa, me deu problema nos braços e cotovelos." (T7)

"Minha saúde era boa, depois que comecei a trabalhar lá, [...] senti que a saúde foi tendo mudanças. Sinto mudança nos meus braços, como se fosse um desgaste. Sinto isso também no meu joelho, nos pulsos. [...] Atividades muito repetitivas, ficar o tempo todo de pé." (T8)

"Os braços a gente sente bastante desconforto, pelos movimentos repetitivos." (T9)

"Era boa, nunca tive problemas de saúde. Depois de alguns anos trabalhando na empresa percebi que começou a ficar ruim. [...]" (T10)

"Sinto muitas dores nos braços. [...] por causa do trabalho, nunca tive problemas no braço antes de começar a trabalhar ali. [...] aprendi a lidar com isso [...] o funcionário é bom pra empresa enquanto está bom, quando adoce te colocam num canto e te deixam lá." (T11)

Na categoria que expõem sobre os "Horários de trabalho e intervalos"; percebe-se, pelo conteúdo das falas dos trabalhadores, que os intervalos e pausas existem, porém não são feitos como preconiza a legislação.

"Eu tenho que esperar passar a última bandeja de produto para ir embora. Meu horário de saída é 23:50, mas antes de 00:30 eu não saio de lá." (T2)

"As pausas a gente não tinha, somente um intervalo de 1 hora, mas nunca era feito essa hora inteira, 20 ou 30 minutos no máximo." (T5)

"Tem uma paradinha ou outra, mas que não dá nem pra ir ao banheiro as vezes." (T8)

"Me sentia mal, todos têm o direito de fazer pausas, mas mandavam a gente cobrir o intervalo dos outros e a gente tem que trabalhar. [...] a gente ficava em um só lugar fechado e as pausas eram alternadas, quando uns estavam no intervalo, os outros tinham que cobrir esse setor, pra não parar a produção." (T10)

As pausas previstas na NR 36 devem ser computadas como trabalho efetivo, ser obrigatoriamente usufruídas fora dos locais de trabalho, em ambientes que ofereçam conforto térmico e acústico, disponibilidade de bancos ou cadeiras e água potável. Além disso, a norma dispõe que as saídas dos postos de trabalho para satisfação das necessidades fisiológicas dos trabalhadores devem ser asseguradas a qualquer tempo, independentemente da fruição das pausas.⁹

A Vulnerabilidade Social representa a categoria que agregou as temáticas: “A necessidade do sustento”, “Consequências para a vida” e “Motivos que levaram a trabalhar em frigorífico”. Na temática “A necessidade do sustento” mostrou a preocupação dos trabalhadores em perder o emprego ou adoecer de forma que comprometesse sua habilidade para trabalhar prejudicando o sustento da família:

“Eu que sustento minha casa, se me machucar e não puder mais trabalhar, como fica? Tem que ter sempre cuidado” (T5)

“Eu só não saia por que pensava na minha filha. Eu precisava comprar as coisas para ela, pra que quando ela nascesse eu tivesse as coisinhas dela. [...] Não tinha o que fazer.” (T6)

“É complicado viver com dor. [...] Eu tenho que trabalhar, como vou parar de trabalhar? Não tem como parar de trabalhar, eu moro sozinha, tenho que me virar. [...] Nada cai do céu, depender dos outros ninguém quer. Tudo depende de mim.” (T12)

“Se eu não precisasse mesmo trabalhar, não trabalharia. Ficaria em casa, mas preciso trabalhar, chega a dar uma tristeza. Já tive depressão, tudo ajuda. [...] Continuo pelo meu filho e minha família, o sustento da casa depende de mim também.” (T13)

No segundo tema da Vulnerabilidade Social que são as “Consequências para a vida”, o conteúdo dos relatos dos participantes demonstrou que o trabalho desempenhado em frigoríficos, trazendo “dor”, “limitações” e “incapacidades”, deixou marcas de variadas dimensões, marcas emocionais irreparáveis como denuncia a fala de T13..

“Eu não tinha problema nenhum de saúde antes de entrar na empresa, comecei com um problema na perna, depois um problema na coluna...” (T5)

“Só trouxe dor, por causa do que passei lá.” (T6)

“Trouxe meu problema nos braços, que me incomoda muito.” (T7)

“Você se sente sem capacidade para nada. [...] se sente inútil, não consegue fazer as coisas. Eu não tenho vontade de voltar a trabalhar...” (T10)

“Me sinto limitada, é muito difícil, sei que se eu fizer alguns serviços vou sentir muita dor depois, vou ter que me medicar.” (T11)

“Quando eu estava grávida, tive 3 abortos, tive um descolamento de placenta, devido ao meu trabalho. Eu não podia levantar peso, fazer esforço, mas continuei na mesma função. Um dia me falaram que gravidez não era doença, que eu tinha que fazer meu trabalho. Em uma sexta feira, passei mal trabalhando, fui atendida na empresa e voltei a trabalhar. Quando voltei, ouvi meu supervisor dizendo que eu estava fazendo um pouco de “dengo”. Na segunda feira, passei mal novamente, fui ao

médico e no ultrassom ele percebeu que meu bebê estava morto. Acredito que aquilo dele me falando que eu estava fazendo dengo ficou na minha cabeça, se fosse dengo eu não teria perdido meu bebê. A partir disso, continuei lutando, me tratei com psicólogo e fui levando. Engravidei novamente, consegui levar a gestação até o final, me afastei do trabalho nos últimos dias, mas fiquei mal mesmo assim, desenvolvi uma depressão pós-parto. Foi mais complicado pra mim, quando voltei ao trabalho, estava traumatizada, não conseguia mais usar a roupa branca do uniforme, me remetia ao aborto que tive. Comecei a piorar, enxergava vultos, ouvia vozes lá dentro.” (T13)

Na temática “Motivos que levam a continuar trabalhando em frigorífico” evidenciou-se que os trabalhadores não procuram outro tipo de trabalho por entender que suas condições de saúde são um empecilho para a contratação. Além do adoecimento, apontam a falta de qualificação ou “pouco estudo”.

“Pensei em trocar de emprego, mas já estava doente, que empresa ia me contratar desse jeito? Não ia conseguir um emprego com problemas assim. [...] se eu for fazer exames pra entrar em outra empresa, ninguém vai me contratar. [...] Trabalhei em uma empresa de limpeza antes, era um local bom. Mas não tinha plano de saúde, agora eu tenho, o que é bom.” (T10)

“Não posso ficar sem trabalhar, sem um salário. As contas de casa não param de vir. [...] onde vou conseguir outro emprego com o problema que eu tenho?” (T11)

“Você precisa trabalhar. [...] Se você não tem estudo, tem que ficar. [...] Mandar embora a empresa não manda, que emprego vou conseguir com problemas de saúde já? Não é bem assim, sair e já conseguir outro emprego.” (T12)

“Com o pouco estudo que eu tenho e com esse problema de saúde, ninguém vai querer me dar emprego. [...] A gente se sente humilhado, tem que trabalhar porque precisa. Não tem ninguém para ficar no teu lugar pra ti fazer uma pausa, sentar um pouco.” (T13)

Discussão

A experiência de trabalho em frigorífico pode trazer consequências irreversíveis, tanto físicas como psicológicas, podendo citar invalidez como a causa mais preocupante para muitos destes trabalhadores. Assim, temos entendido os frigoríficos como locais com significativos impactos na saúde e na vida do sujeito que lá trabalha.¹⁰

Observa-se na fala de T4 que o participante coloca o descuido do profissional aliado às más condições dos instrumentos de trabalho como um fator de risco de acidentes de trabalho. Já na fala T13, o participante menciona que o ritmo de trabalho causa aflição, mas

relaciona o descuido como principal fator desencadeante de um acidente.

Por desconhecer ou não identificar determinadas situações de risco, o trabalhador tem ações desprotegidas, que podem conduzir a acidentes de trabalho ou também a doenças ocupacionais.

O desconhecimento das leis trabalhistas entende-se como uma vulnerabilidade que envolve o trabalhador, justamente pela falta de empoderamento acerca do assunto e a consequente falta de meios para viver um cotidiano de riscos. Sem o conhecimento das leis, o empregado fica desamparado, não sabendo o que lhe é de direito, não podendo então exigir do empregador o que lhe é assegurado por lei e tão pouco criar um ambiente seguro.

Entende-se que para além do empoderamento acerca da legislação, as ações de prevenção no ramo de frigoríficos devem ser estruturadas de acordo com as características de cada linha de produção, a partir da atuação dos sindicatos. As empresas até oferecem informações sobre prevenção de acidentes; mas, no sentido de cumprir exigências legais, porém, não reestruturam linha de produção reduzindo movimentos repetitivos, sendo assim, o risco permanece alto. Com isso, muitos trabalhadores acabam recorrendo ao sindicato SINTRACARNES, quando precisam de algo relacionado à legislação, principalmente em relação à abertura de CAT. Evidencia-se nas falas dos trabalhadores T6, T10 e T11 o apoio do sindicato nos momentos de necessidade.

Ainda que o ambiente laboral ofereça meios para manter a segurança e o bem-estar dos funcionários como a utilização dos Equipamentos de Proteção Individual, os riscos de acidentes podem ocorrer quando não há preparo da equipe. Os treinamentos sobre prevenção de acidentes deveriam ser uma fonte permanente de consulta. Entretanto, percebe-se que os treinamentos são realizados, porém não são efetivos, visto que os acidentes e os adoecimentos continuam em crescente neste setor. Questiona-se, então, como são realizados estes treinamentos? Na fala T13, o trabalhador expõe: "Geralmente eles dão treinamento depois que acontece um acidente", o que não se torna tão efetivo, pois os treinamentos visam a prevenção.

O Equipamento de Proteção Individual (EPI) é definido como "todo dispositivo ou produto, de uso individual utilizado pelo trabalhador, destinado à proteção de riscos suscetíveis de ameaçar a segurança e a saúde no trabalho",¹¹ são os responsáveis pela proteção e integridade do indivíduo com o intuito também de minimizar os riscos do ambiente de trabalho e promover a saúde, bem-estar e evitar os acidentes e doenças ocupacionais, devendo estar em perfeitas condições. O

trabalhador deve receber treinamento a respeito de cada EPI.¹¹

Ao analisar as falas dos trabalhadores, vale a reflexão, o que é preconizado na legislação vigente é realmente aplicado no dia a dia? Esses equipamentos fornecidos encontram-se em perfeitas condições de uso? O empregado é orientado para usar e cuidar deste equipamento?

Um dos principais problemas do trabalho em frigoríficos é a elevada carga de movimentos repetitivos em um curto espaço de tempo. Para desossar uma sobrecoxa de frango, por exemplo, há trabalhadores que realizam até 120 movimentos em apenas 60 segundos.²

As atividades laborais em frigoríficos no Brasil e no mundo têm colocado em risco a saúde dos trabalhadores.¹⁰ A grande quantidade de movimentos repetitivos realizados os têm levado a inúmeras Lesões Por Esforço Repetitivo (LER), que também são conhecidas como Doenças Osteomusculares Relacionadas com o Trabalho (DORT), as LER/DORT, bem como, as doenças psicológicas.

A regulação vigente, sobre ergonomia no Brasil,⁹ prevê a adoção de pausas durante a jornada de trabalho para os trabalhadores que desenvolvem atividades exercidas diretamente no processo produtivo, ou seja, desde a recepção até a expedição, onde são exigidas repetitividade e/ou sobrecarga muscular estática ou dinâmica do pescoço, ombros, dorso e membros superiores e inferiores.⁹ O que se percebe, ao analisar as falas dos entrevistados, é que o que está previsto nem sempre é realizado na prática, sobrecarregando assim o trabalhador de diversas formas, fisicamente e psicologicamente.

A instabilidade do emprego e as condições em que o trabalhador exerce suas atividades laborais geram novas situações de vulnerabilidades, fazendo com que o trabalhador, em decorrência da necessidade de sobreviver, aceite empregos que o deixam exposto a ambientes insalubres, colocando em risco sua saúde.¹² Um fator que auxilia este problemático cenário é que, na contratação de trabalhadores da agroindústria, não há seleção com foco no nível de escolaridade, ou seja, há uma diversidade de trabalhadores com ensino fundamental incompleto, logo com pouca especialização de mão de obra, o que limita as opções de labor no mercado de trabalho.⁵

A presença de dores e limitações, decorrentes da doença, contribui para o surgimento de sintomas depressivos e de ansiedade, acompanhada de angústia e medo em relação a um futuro incerto.¹³ A partir destas modificações, o trabalhador perde um pouco da sua identidade e ganha insegurança no ambiente de trabalho, familiar e social.

Acredita-se que os objetivos desse estudo foram alcançados. Os resultados contribuirão significativamente para novas perspectivas de cuidado na atenção à saúde do trabalhador no município de Chapecó, além de gerar reflexões para o aperfeiçoamento da atenção integral a esse grupo, de forma que possamos reconhecer suas de vulnerabilidades. Ressalta-se a necessidade de atividades de prevenção ativas e eficazes, visando a preservação da qualidade vida destes trabalhadores, da saúde física e mental, e, sobretudo, respeitando sua dignidade.

Os resultados do presente estudo limitam-se a perspectiva de 13 participantes, sobretudo pela dificuldade dos pesquisadores em acessar os demais trabalhadores da instituição envolvida na investigação. Portanto, as informações apresentadas não podem ser generalizadas, entretanto, podem servir de base para reflexão dos profissionais de saúde ao estabelecerem estratégias de cuidado à saúde do trabalhador em diversos contextos, tendo em vista que cada cenário possui vulnerabilidades que precisam de olhar atento, principalmente na perspectiva do profissional que naquele contexto atua.

Conclusões

A partir dessa investigação, é possível afirmar que a análise da vulnerabilidade individual, social e institucional em todos os setores da agroindústria têm potencialidade para minimizar os riscos inerentes a este tipo de trabalho. Este estudo foi importante pelo destaque que deu à vulnerabilidade do trabalhador da indústria da carne e derivados, ampliando o conhecimento sobre essa temática em Chapecó. Além disso, os resultados provocarão reflexões no planejamento de ações de prevenção que valorizem aspectos subjetivos acerca da fragilidade do trabalhador.

Referências bibliográficas

1. Pignati WA, Maciel RH, Rigotto RM. Saúde do Trabalhador. In: Rouquayrol MZ, Gurgel M (Org.). Epidemiologia e Saúde. Rio de Janeiro: Med Book; 2013.
2. ONG Repórter Brasil. Moendo gente: a situação do trabalho nos frigoríficos. São Paulo: ONG Repórter Brasil; 2013.
3. Rodrigues LB, Santana NB, Rodrigues MSB. Identificação dos Riscos Ocupacionais em uma Unidade de Produção de Derivados de Carne. UNOPAR Ciênc Biol Saúde. 2012;14(2):115-9. <http://www.pgskroton.com.br/seer/index.php/JHealthSci/article/viewFile/1021/981>. Acesso: 20/01/2019.
4. Lima FDPA. Ações coordenadas em saúde do trabalhador: uma proposta de atuação supra-institucional. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional. 2009;34(119):67-78. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572009000100008. Acesso: 02/09/2019.
5. Ayres JRCM, França JI, Calazans GJ, Saletti FHC. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: Czeresnia D, Freitas CM. (Org.). Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2009; p.117-139.
6. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Glossário. Rio de Janeiro: IBGE; 2010.
7. Polit DF, Hungler BP. Fundamentos de pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática de enfermagem. 7ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2011.
8. Minayo MCS, Deslandes SF, Neto OC, Gomes R. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 28ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes; 2009.
9. Ministério do Trabalho e Emprego (BR). Norma Regulamentadora nº 36 - NR36. Dispõe sobre segurança e saúde no trabalho em empresas de abate e processamento de carnes e derivados. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego; 2013.
10. Heck FM, Júnior AT. Territórios da degradação do trabalho: os impactos na saúde e na vida dos trabalhadores de frigoríficos de aves e suínos no Brasil. In: Anais do VIII Seminário de Saúde do Trabalhador e VI Seminário "O Trabalho em Debate", 2012; São Paulo. São Paulo: Unesp Franca. 2012.
11. Ministério do Trabalho e Emprego (BR). Norma Regulamentadora nº 06 – NR-6. Dispõe sobre o Equipamento de Proteção Individual. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2009.
12. Barbosa MAS, Santos RM, Trezza MCSF. (2007). A vida do trabalhador antes e após a Lesão por Esforço Repetitivo (LER) e Doença Osteomuscular Relacionada ao Trabalho (DORT). Rev. bras. Enferm. 2007;60(5):491-6. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672007000500002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso: 15/01/2019.
13. Torres ARA, Chagas MIO, Moreira ACA, Barreto ICHC, Rodrigues EM. O adoecimento no trabalho: repercussões na vida do trabalhador e de sua família. Sanare.

2011;10(1): 42-48.
<https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/download/142/134>. Acesso: 20/01/2019.